

*** REDACTOR PRINCIPAL ***
Alexandre Vieira
 *** EDITOR ***
Joaquim Cardoso

 Propriedade da União Operária Nacional
 (Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
 — Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 134
 — Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
 Lisboa — PORTUGAL
 End. telegr. Talha — Lisboa — Telefone: 7

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Esbanjamentos da burguesia

A velha praça pombalina animou-se ontem de forma desusada, para receber o chefe de Estado da República Brasileira. Em tão aparatosa recepção, gastou o governo muitas dezenas de contos, parecendo demonstrar essa prodigalidade, que os cofres da República se encontram repletos. Todavia, se agora houve tanto dinheiro para a Lisboa oficial receber com galhardia o sr. Epitácio, ainda há pouco, quando os operários do município, impelidos pela miséria — miséria de que são responsáveis as castas privilegiadas da nação — se declararam em greve, não conseguiram arranjar ao erário público — que sempre está franqueado aos milhares de parasitas que pululam na Arcada — os magros cobres de que necessitam para a satisfação das suas mais urgentes necessidades. A esses grevistas fez o Estado e a Câmara Municipal guerra aberta; mandaram a guarda republicana agredi-los, prendê-los. Exerceram-se coacções de toda a espécie.

E o que com os camaradas do Município então ocorreu, repetiu-se com o pessoal da Carris e agora com o da Companhia União Fabril. Para ninguém havia dinheiro; os operários em nome de um patriotismo que eles não podem compreender, deviam sacrificar-se. Mas agora, que os detentores do poder em Portugal recebem a visita do sr. Epitácio Pessoa, o dinheiro apareceu a farta, chegando e sobrando para jantares de gala e estrondosas salvas de artilharia. Esbanjou-se dinheiro em bolos e licores; esbanjou-se dinheiro em polvorão. Entretanto, enquanto os canhões trovejavam no Tejo, em milhares de grevistas havia fome, em muitos corações havia revolta.

Enquanto no palácio de Belém, gente coberta de condecorações, vestindo elegantes fardas e sobrecasacas se banquetava alegremente, muitos parias rondavam pelas vielas e travessas, esgravidando nos caixotes do lixo uma coada rija de pão com que se fizessem as aguradas da fome. Estamos em república democrática, onde o povo... é soberano! Mas, a sua soberania só um direito lhe con-

tere: o de receber algumas gramas de chumbo no peito, quando exige uma pequenina parcela do que o Estado capitalista e a burguesia não exitem em esbanjar nas suas orgias oficiais.

O pretexto invocado para as festas a que Lisboa acaba de assistir, é a necessidade de estreitar as relações entre o povo português e o povo brasileiro. Mas a verdade é que esse estreitamento de relações só se dá entre os privilegiados dos dois países, a fim de uns se verem livres de milhares de braços que não têm trabalho e outros disporem à vontade da corrente emigratória portuguesa para a colonização das regiões virgens do Brasil, colonização que lhes dá fartos lucros, com que encham literalmente os cofres do Estado e da burguesia brasileira. E lembramo-nos de que o sr. José de Almeida, deputado socialista, deu o seu voto ao crédito extraordinário para as despesas a fazer com a recepção ao sr. Epitácio Pessoa, justificando-o com a drenagem do ouro da emigração!

Nem que os proletários que a fome obriga a atravessar o Oceano, em busca de terras onde possam angariar os recursos necessários para se manterem e a suas famílias, que em Portugal deixaram, alguma coisa tenham com a visita à cidade de mármore e de granito, do presidente eleito dos Estados Unidos do Brasil! Custaria realmente a acreditar que ao esbanjamento escandaloso que representa a faustosa recepção ao sr. Epitácio, não se tivesse oposto energeticamente a minoria socialista, se de mais não conhecessemos o quão altos de revolucionarismo são os indivíduos que, intitulando-se representantes do povo trabalhador, têm assento em S. Bento.

As festas decorreram com brilho, a alegria dos potentados não foi perturbada por qualquer explosão de revolta dos muitos milhares de famintos que existem em Lisboa. Bem está. Porque se esse arrojo tivessem os produtores de toda a riqueza social, fariam-se seceariam nos seus corpos extoçados pelo trabalho, as carabinas e as acedadas lâminas da guarda pretoriana!

A greve do pessoal da C. U. F.

Foi votada, em princípio, a greve geral do operariado do Barreiro

Convocada pela U. S. O. do Barreiro, realizou-se ontem, no quintal da Associação de Classe dos Ferroviários, uma sessão magna dos operários daquela localidade, que constituiu uma brilhante prova de solidariedade e uma significativa manifestação de protesto ante as prepotências patronais, personificadas no tiranete Alfredo da Silva.

A reunião foi anunciada para o Cine Barreirense, não se tendo porém efectuado porque o sub-delegado de saúde, que mora contigualmente ao salão de espectáculo, se encontrou gravemente enfermo.

Todavia, ao ar livre, sob um sol ardente, realizou-se a sessão, que foi correntíssima, notando-se muitas camaradas que com os operários davam um total de mil e tantas pessoas.

Abriu a sessão o camarada Gregório Matoso, pela U. S. O. do Barreiro, que expôs à assembleia o motivo da convocação convidando para presidir o camarada Artur Aleixo de Oliveira, representante da U. S. O. N., secretário por Alberto Tomé Vieira, secretário geral da U. S. O. do Barreiro e Gregório Matoso, delegado do mesmo organismo.

O camarada Artur Aleixo de Oliveira, delegado da U. S. O. N., tomando a palavra, declarou que vem testemunhar a solidariedade do operariado consciente, que aquele organismo representa.

Apela para que todos os camaradas persistam na luta como até aqui, pois que aquela hora se encontram reunidas as federações de indústria, e certamente elas não deixarão de colocar-se ao lado dos operários da C. U. F., que salvando a dignidade dos operários do Barreiro, salvarão também a dignidade dos operários em geral. Diz que a luta não é só com a C. U. F., mas ainda com o operariado em geral, visto que Alfredo da Silva, como representante da casta capitalista, pretende esmagar toda a organização operária. A organização operária está na disposição de, muito ao contrário dos governantes, não se deixar esmagar por esse potentado do industrialismo, terminando por afirmar que a vitória é indispensável que desta vez caiba às classes proletárias.

O camarada Abel Pereira, pela U. S. O. de Lisboa, felicitou os operários da C. U. F. pela forma como se tem conduzido no movimento, afirmando a solidariedade dos operários de Lisboa, representada pela U. S. O. de Lisboa.

Referiu-se à forma como o governo tem protegido o industrial Alfredo da Silva, apontando-o à assembleia como um conhecido reacçãoário contra o qual não só os trabalhadores devem lutar, mas também todas as forças que se afirmam liberais. Aconselha os operários a persistir na luta, pois que o operariado de Lisboa, lutando a seu lado, até final quebra da arrogância de Alfredo da Silva.

O camarada João Jorge, pelos operários da construção civil do Sul e Sueste, atacou fortemente o governo, dizendo-o vendido aos reacçãoários. Diz que a Construção Civil está incondicionalmente ao lado dos grevistas, aconselhando todos os trabalhadores, a que, se amanhã se declarar a greve geral, todos saibam cumprir o seu dever, tal como sabrá cumprir a indústria que representa.

O camarada Alberto Tomé Vieira, secretário geral da U. S. O. do Barreiro, verberou o facto da força pública já por várias vezes ter provocado conflitos, entre os grevistas, não o tendo conseguido, em vista da atitude cordata dos mesmos.

O camarada Miguel Correa, correspondente de A Batalha declarou ficado satisfeito pela conduta dos operários da C. U. F. pois não esperava que eles se manifestassem tão solidários, na luta contra Alfredo da Silva.

Diz que os grevistas se tem mostrando, com uma cordura extrema o que tende a terminar se o governo não forçar a direcção da Companhia a atender o seu pessoal.

Ataca violentamente o governo pelas atenções dispensadas a Alfredo da Silva, o que fará certamente os operários enveredarem por uma orientação mais revolucionária.

Falaram ainda os camaradas António Figueiredo de Sousa, António Rodrigues, Izabel Gomes, e outros oradores que se congratularam em constatar a solidariedade dos seus camaradas de Lisboa, mostrando-se confiantes pelo triunfo das suas reivindicações, sendo votada por aclamação a seguinte moção:

Considerando que o movimento da C. U. F. deve merecer a atenção de todo o operariado organizado, e consequentemente o seu apoio material;

Considerando que o sr. Alfredo da Silva pretende esmagar a Associação de Classe do seu pessoal;

Considerando que este senhor é um dos maiores representantes da burguesia, e portanto, o maior potentado que impera neste país;

Considerando que os governantes em todos os tempos tem apoiado o sr. Alfredo da Silva, o que é, consequentemente, auxiliar todo o burguês, como os factos o tem demonstrado;

Considerando, finalmente, que o operariado não pode permanecer estranho a todos estes atentados às liberdades públicas;

Durante a sessão foram levantados muitos vivas à U. S. O. N., U. S. O. de Lisboa e Barreiro, emancipação das mulheres, Federação da Construção Civil, a A Batalha, etc., entusiasticamente correspondidas pela assembleia.

Solidariedade material

Pessoal da C. U. F. e Obras do Porto de Lisboa, 33800; Empresa Industrial Portuguesa, 11530; Fábrica de Açúcar, 10848; Padarias Alcântara-Belem, 10546; nas pedreiras José Vicente, fornos anexos, 14864; Fábrica Tabacos Lisbonense, 12572; fábrica de electricidade, 12518; pessoal da carris de ferro, 27800; operários de Alcântara, 3896; fábrica de tabaco, 16505; arsenal de marinha, 16896; operários de Pedrouços e Belem, 14829; obra Joaquim Pinto (Alto de Santa Catarina), 2385; asilo da Ajuda, 3862; pessoal da Exploração do Porto de Lisboa (Santos), 8800. Total 197551.

Foi entregue pela Federação da Construção Civil, e comissão angariadora da queta a quantia de 25434, os delegados da associação da C. U. F. Os camaradas do Depósito de Fardamentos, fizeram a oferta de 20 pias.

A camarada Carlota Elois declarou presidir de qualquer parcela da queta a que tinha direito.

Continuam em sessão permanente os grevistas de Alcântara, confiados no triunfo das suas reivindicações, auxiliados pelos seus camaradas do Barreiro.

No largo de Alcântara, à passagem dum amarelo, houve vários comentários da parte dos camaradas atraídos, o que exasperou talvez o amarelo, que puxou de uma pistola, sendo logo em seguida desarmado pelo grevistas, que o meteram na ordem. O amarelo chama-se Joaquim Cabral.

Importante reunião dos organismos operários

Reúnem hoje, pelas 21 horas, os representantes das federações de indústria, juntamente com as comissões administrativas da U. S. O. N. e U. S. O., convidando-se os camaradas da Carris de Ferro, Operários do Município e pessoal operário da Companhia das Águas, a nomearem um delegado a esta reunião, assim como todas as outras classes, que não tenham federações organizadas.

A unidade do movimento rural

A última decisão da C. G. T.

Na recente reunião do Comité Confederal da C. G. T. francesa, a última moção aprovada versou sobre um dos mais importantes assuntos da hora que passa: a organização sindical dos trabalhadores rurais.

O Comité declara que todos os agrupamentos de camponeses formados, a partir do 1.º de Janeiro de 1920, uma organização única, admitida na C. G. T. sob a designação de «União federativa rural», o que levará ao desenvolvimento e intensificação do movimento sindical entre os trabalhadores da terra.

O recrutamento na nova organização far-se-á pela adesão dos sindicatos actuais, segundo as regiões. Provavelmente, os sindicatos que se constituírem de novo aderirão a qualquer das federações hoje conferenciadas. Só serão admitidos nos sindicatos os trabalhadores cujo interesse estiver de acordo com os princípios e fins da C. G. T.

A comissão nomeada pelo Comité, reúnem-se há brevemente para redigir os projectos de estatutos e regulamentos da nova organização, estudando também os meios de propaganda mais eficazes. Os seus trabalhos serão submetidos a um congresso das organizações actuais de lenhadores, agricultores, viticultores, hortícolas, já pertencentes à C. G. T., congresso que se deverá reunir pelo menos um mês antes do congresso confederal de Setembro próximo.

Nesse convénio, além do funcionamento da Federação rural, será claramente definido o programa de reivindicações do proletariado camponês, que compreenderá nomeadamente a extensão de todas as reformas operárias aos trabalhadores agrícolas.

O Comité apela para as Unões departamentais de sindicatos (os sindicatos estão federados regionalmente, não por localidade, mas por departamento ou distrito) para que auxiliem moral e financeiramente esta tarefa urgente. Essas Unões de sindicatos ficam igualmente incumbidas de apresentar relatórios sobre a situação agrícola dos seus respectivos departamentos. (O departamento francês tem uma área média de 6.237 quilómetros quadrados, um pouco superior, portanto, à superfície média do distrito administrativo português, a qual é de 5.220 quilómetros quadrados).

Em França, como em toda a parte, o operariado compreende a importância formidável e a urgência da organização do proletariado agrícola, com cuja cooperação ele necessita absolutamente de contar para a realização do seu esforço de emancipação de todos os assalariados — dos campos, das cidades e do mar.

A guerra vermelha

Os americanos de Arkangel vão ser licenciados

WASHINGTON, 8. — Os americanos da guarnição de Arkangel devem ser licenciados no prazo de 15 dias. — H.

GRANDIOSA EXCURSÃO OPERÁRIA

De Lisboa à barra e a Vila Franca

O passeio fluvial em homenagem à «A Batalha» está sendo co-ordenado dum êxito invulgar

O Alentejo é o melhor, o mais amplo, o mais luxuoso e o mais rápido dos vapores do Sul e Sueste. E' neste vapor que se realizará o interessantíssimo passeio fluvial à barra e a Vila Franca de Xira, no próximo domingo. Pois, apesar das dimensões do referido barco já podemos verificar que não chegará para tantos camaradas quantos os que desistiram tomar parte na deliciosa excursão.

Com efeito, a procura de bilhetes na nossa administração foi enorme durante a tarde e a noite de ontem. A reserva de bilhetes posta à venda em outros locais está também liquidada. Alguns bilhetes que restam em poder da comissão serão vendidos hoje à noite na administração de A Batalha.

Um certo número de membros da comissão promotora do passeio esteve ontem no Porto Brandão tratando de assuntos que com a organização da excursão se relacionam. A' chegada dos excursionistas a Vila Franca de Xira realizar-se-á nesta localidade uma curta sessão de propaganda onde usará da palavra um representante da organização operária local, um delegado da U. S. O. N., um representante de A Batalha e um membro da comissão promotora do passeio.

A largada, como já dissemos, efectuar-se-á às 6.30 horas, prefixas da ponte do Sul e Sueste, no lado ocidental do Terreiro do Paço.

As greves

Carpinteiros Navais

A greve desta classe continua no mesmo pé, mantendo-se a renitência dos industriais e o entusiasmo no meio operário. Quatro camaradas do Algarve, chamados a Lisboa pelos industriais, para trabalhar, regressaram já às localidades onde vieram, tomando esta resolução mal tiveram conhecimento da greve.

Corticeiros de Evora

Mantém-se, a despeito da intransigência assaz revoltante dos industriais daquela cidade, a greve destes nossos camaradas que se encontram dispostos a lutar até que as suas justas reivindicações sejam integralmente atendidas.

A' comissão que antecedeu o entrevistado o ministro do trabalho e da fazenda parte a comissão dos grevistas, delegado da respectiva federação e do delegado da U. S. O. N., foi marcada pelo aludido ministro uma nova entrevista para a próxima quarta-feira à qual devem assistir os industriais de Evora, para esse fim chamados a Lisboa.

A Federação Nacional Corticeira conta ser esta a última demarcação e confia numa resolução que não só dará aos corticeiros de Evora a integral satisfação das suas reivindicações, como evitará que, por falta dessa solução a classe se tenha que manifestar como lhe compete.

Hoje realizam-se, com a participação dos delegados dos corticeiros de Evora e da Federação, duas sessões de propaganda sobre o movimento, sendo a primeira às 6.30 horas na Associação dos Corticeiros do Barreiro e a segunda na de Alhos Vedros, pelas 7.30 horas.

Na sessão do conselho federal, ontem realizada, tomou-se conhecimento de que o importante industrial do Entroncamento, José Pedro Pereira que, na reunião efectuada pelos industriais, para estudar as reclamações dos operários corticeiros, foi o que mais se defendeu por ao julgar, de facto, justas, ainda não correspondem às suas afirmações pelo que a Federação vai indagar da veracidade da informação para proceder como lhe compete.

As 8 horas na Itália

O facto antes da lei

Na sua entrevista de 3 de Maio com Orlando, os delegados da C. G. T. italiana exprimiram ao presidente de ministros o seu desgosto por não estar votada a lei das 8 horas reforma esta já adoptada de facto num grande número de estabelecimentos industriais e agrícolas da península italiana, reforma que o parlamento francês já votou, embora os trabalhadores de França não a tenham imposto ainda aos seus patrões, como fizeram os de Itália.

Francamente não vemos nisto motivo de queixa. Pela nossa parte, preferimos mil vezes a reforma imposta aos patrões pela acção directa operária, sem a lei, à mesma reforma votada pelo parlamento, mas sem a sanção da vontade e força proletárias. Mesmo porque neste último caso parece aos ingénuos que há alguma coisa a agradecer.

Mas o governo italiano também quer dar sanção legal ao facto... E o projecto em discussão estende a regalia ao proletariado rural — que já a desfruta em grande parte...

A Revolução Social Hungara

As tropas slovacas parece que passaram em massa para os húngaros

BASILEIA, 6. — Causaram grande inquietação em Praga, as notícias procedentes da Tchéco-Slováquia noticiando um avanço dos húngaros. Assegura-se que uma terceira parte da Slováquia está em poder dos «Magyars». Kascas foi evacuada. Corre o boato de que as tropas slovacas se passam em massa para os húngaros.

EM VESPERAS DE LUTA

A situação das classes gráficas

O secretário da Federação do Livro e do Jornal explica-nos as reclamações constantes do Convénio de Trabalho recentemente apresentado aos industriais ::

Das condições desgraçadas em que actualmente vivem os operários dos diversos ramos das indústrias gráficas já, mereço os esclarecimentos prestados pelo secretário geral da Federação do Livro e do Jornal, alguma coisa podemos dizer aos nossos leitores. Lembrem-se não é verdade? São os salários irrisórios, o regime prisional das oficinas, a exploração desenfreada das crianças e da mulher, mil e uma circunstâncias justificativas das reclamações agora apresentadas aos industriais pela federação gráfica.

Consignamos já nestas columnas os salários actualmente em vigor nas várias classes da grafia: os compositores de casas de obras ganhando, em média máxima, 1300; os impressores estando nas mesmas miseráveis circunstâncias; os encadernadores em situação ainda inferior à daqueles, com a agravante exploração do trabalho feminino, que mais não deixa, a cada mulher, empreiteira ou jornalira, do que cinco tostões em média; e, finalmente, todas as outras classes gráficas, fundidores, estereotipadores, gravadores, fotógrafos, etc., vivendo em circunstâncias idênticas.

Ficou, portanto, explicado, nas entrevistas anteriores, a situação dos operários. Restava-nos colher esclarecimentos a respeito das reclamações que eles estão apresentando ao industrialismo. E' o secretário geral da Federação do Livro e do Jornal quem continua a informar-nos, no encontro que com ele apressamos:

— Não nos limitamos nós, os operários, a apresentar ao patronato uma simples tabela de salários acrescidos com os aumentos desejados. Fomos mais além. Elaborámos um convénio de trabalho, onde aquela elevação de salários se integra. Um convénio de trabalho que, consignando embora garantias para os trabalhadores, não deixa de consignar concomitantemente garantias para os industriais.

— Como assim? — Pois meteram-se vocês a tratar dos interesses alheios? — Não é bem isso. Tratamos dos interesses da indústria. E' tratar dos interesses da indústria é aumentar as probabilidades de melhoria para nós. Compreendo. — Não é de resto esta a vez primeira que uma classe operária, impulsionada por elementos inteligentes e activos, força o industrialismo a avançar, a progredir, a abandonar as velhas fórmulas, os sistemas arcaicos, adoptando, em consequência, modos novos de funcionamento, integrando-se na época, e tudo isto com comuns benefícios.

— Com comuns benefícios, é o termo — corroborar o secretário gráfico. — O convénio proposto por nós é de um extraordinário alcance.

— Piamente o creio. Mas esqueço-me de que nada me disseste, em comprovação de que avanças. Venha de já alguma coisa sobre o convénio proposto.

— É-o e verás — acode o amigo entrevistado sacando do bolso um exemplar do documento.

E nós lêmo-lo logo ali. De facto, em todos os seus artigos se nota a preocupação de superiorizar a indústria, por efeito de uma melhor educação dos seus cooperadores. Um elevado critério de justiça e de reforma presidiu à elaboração das suas disposições. O artigo 2.º do convénio determina:

Tendo em vista as condições científicas que classificam as artes gráficas, serão admitidos aprendizes que provem possuir a resistência física necessária para não serem vitimados pelas emanções tóxicas das matrizes usadas.

E logo abaixo se estatui que a idade mínima de entrada do aprendiz seja de 14 anos, ficando os menores excluídos dos serões.

Chama-nos o nosso entrevistado a atenção para o artigo 4.º, elaborado no sentido único de fornecer as oficinas com operários habilitados em correspondência com a natureza da indústria. Diz esse artigo:

O candidato deverá prestar, perante o mestre da oficina, exame de admissão constante de leitura, ditado e contas. — Trata-se, verificamos — de assegurar as habilitações dos futuros oficiais.

— E não só as habilitações literárias, — diz-nos o secretário gráfico — mas também as habilitações técnicas. Coisa, afinal, com que nunca o industrialismo se preocupou, se bem que o interesse fosse principalmente dele. O certo é, porém, que o convénio proposto trata a sério do caso. Tanto assim que lá se determinam:

Enquanto não for possível tornar lei o projecto de Escolas Profissionais, a Federação do Livro e do Jornal criará dois cursos teóricos, nocturnos, duas vezes por semana, sobre noções gerais das indústrias gráficas, um, e sobre especialidade das indústrias, o outro.

E, em complemento:

Após a aprendizagem, a par das primeiras noções práticas, ser-lhe-ão ministradas noções teóricas que lhe permitam ajudar da grande papel desempenhado pelas artes gráficas na evolução humana, cultivando-lhe o sentimento artístico e o amor pela Arte.

E, ainda:

Após a aprendizagem, embora especializando-o no ramo que exercer, ser-lhe-ão dadas noções teóricas das artes correlativas.

— Propõe-se a Federação instituir e custear cursos teóricos profissionais que procurarão estabelecer uma elevação de conhecimentos técnicos. A aprendizagem ficará, por esta forma, racionalmente regulamentada, abolindo um anacronismo existente que é o haver em grande número operários gráficos quase analfabetos.

— Todas estas determinações — continua o nosso entrevistado — são de carácter técnico e de interesse mútuo. Temos, depois disso, a reclamação de aumento de salário.

— E a quanto montam os salários reclamados?

— Para compositores, encadernadores, impressores e fotógrafos reclama-se o salário mínimo de 2500. O aprendizado subirá em salário por meio de uma tabela progressiva cujas bases no artigo 15.º do convénio se explicam:

O aprendizado subirá, nos cinco anos que deve durar a aprendizagem, dentro de uma progressão orientada pela escala de progressão dos seus conhecimentos, ao salário mínimo, pela forma seguinte:

Nos dois primeiros anos: Nenhum salário no primeiro mês; dez centavos no segundo e daí por diante mais 5 cada mês.

Nos 3.º e 4.º anos: Aumento trimestral de 10 centavos.

No último ano: Aumento trimestral de 15 centavos.

— Ouvimos ali falar — dissemos nós — de desmesurados exageros nas reclamações que os gráficos elaboraram; e, afinal, verifico agora que vocês reclamam um salário actualmente em vigor para várias classes que em movimentos reivindicatórios projectam lançar-se.

— É certo. O salário que nós pretendemos alcançar muitos operários de outras indústrias o têm já, e com ele se não consideram satisfeitos, o que de resto se compreende atendendo à carência da vida. Mas, reclamando, bem avaliamos nós da modestia das nossas pretensões. Queremos tão somente evitar com esta organização de trabalho que verdadeiros profissionais, artistas no seu género, se vejam na contingência, para adquirir o estritamente necessário a não morrer de fome, de se fazerem serventes de pedreiro, fiscais das subsistências ou polícias.

— Mas não lhes exigindo uma aplicação rigorosa, lhes facultam proventos mais vantajosos. Então vejamos um polígrafo ganhando 2500 diários, além de outros direitos adquiridos, com 8500 para renda de casa; um gráfico, sujeito a riscos profissionais, necessitando duma maior preparação, tem os 1300 desacompanhados, e disse: Quanto a direitos adquiridos tem o de ser posto à margem, despejado, quando o depauperamento resultante do exercício duma indústria mortífera lhe tiver roubado as forças derradeiras.

— E já vou apresentar-lhe a apreciação dos industriais o convénio de trabalho com a implícita reclamação de aumento de salário?

— Já. Há coisa de dez dias.

— E respondam?

— Recebemos já.

— Ah, sim?

— Nós recebemos. Uma resposta abraçada.

— E que vos dizem os estimáveis industriais gráficos?

— A resposta vai ser lida hoje, segunda-feira, na reunião magna de compositores e impressores, tipógrafos, litógrafos, fotógrafos, encadernadores, estereotipadores e fundidores de tipo, que, pelas 21 horas, se efectuará na sede da Federação, travessa da Agua Flor, 55.

— Mas que vos diz essa mirífica resposta? — insistimos nós.

— Amanhã o saberá. Em traços largos posso apenas dizer-lhe que os industriais da grafia patentearam um critério panfarrônico, duma deplorável estreiteza. O alcance evidente do convénio que lhes foi apresentado não o compreenderam. Eles responderam-nos com o modo assumado e hostil do salário suspeito.

— Pois será possível isso?

— É possível. E' possível isto a muito mais. Mas eu não quero antecipar-me às declarações que na assembleia de hoje serão produzidas. Não julgues, todavia, que lá por acompanhar a indústria gráfica as manifestações últimas do progresso, esteja o patronato respectivo à altura da época. Morreu Libânio da Silva e o que resta...

— Vá lá um cigarro — oferecemos nós.

— Não vale cigarro real.

— Quem? Os industriais gráficos?

— Não, meu velho: o cigarro.

— Mas, ias tu dizendo: «Morreu Libânio da Silva, e o que resta...»

— Valha tanto como o pessimismo de garro que me ofereces.

— Exageras, por certo.

— Quasi não. Sobre a nudez forte da Verdade... Mas olha que os não calculo nem grandemente, aos nossos estimáveis industriais gráficos.

A conquista do ar

PARIS, 8. — O tenente aviador Caza le bateu o próprio record de altura, elevando-se a 9.500 metros. — F

POIS DISTINGAMOS!

Serve a palavra Socialismo a designar, dum modo geral, as várias correntes de opinião afectas à transformação das sociedades num sentido de nivelamento político-económico. Nesta conformidade, o anarquismo, como com justiça Hamon pretende, mais não é que uma ramificação do socialismo. Comunismo, colectivismo, individualismo, outras tantas ramificações socialistas. E' o socialismo? E' também, evidentemente, uma ramificação socialista operária. Assim sendo, a quem afirmarmos o socialismo filho do socialismo só teremos nós a objectar que a expressão «filho» não é a do nosso maior agrado. Questão de palavra, afinal.

O combate, porém, não se limita a afirmar que é o socialismo filho do socialismo. Diz coisa muito diferente e muito contestável:

«O socialismo é apenas um filho dos socialistas».

Quere aquele nosso colega significar com isto que o socialismo obra do P. S. P. Ora o certo é que o P. S. P. nada mais consegue ser do que uma ramificação idêntica às outras mencionadas acima, e está, perante a ideia socialista na mesma situação daquelas. Da ideia socialista várias correntes se destacaram: o P. S. P. representa uma dessas correntes; o socialismo representa outra. Advieram ambas duma mesma origem, e não pode por isso intitular-se uma delas mãe da outra. Logo, o P. S. P. está para o socialismo, não como pai, mas apenas como irmão — um irmão que se deixou ficar p'ra traz, e que, de resto, nasceu depois, como noitua ocasião se provará, se merecer a pena esgaravar, com interesses outros que não os históricos, em tão pueris questões de mera cronologia.

Ainda por outras razões não pode o P. S. P. chamar filha sua a organização ou, o que é mais, ao critério sindicalista. Conservam em regra os filhos certa semelhança ou identidade com os pais. Ora o socialismo nada tem de comum com o P. S. P. a não ser a fonte donde um e outro provieram. O P. S. P. organiza-se em partido político e quasi exclusivamente política tem sido a sua acção. Diferentemente, o socialismo, adoptando a acção directa, despreza inteiramente o intervencionismo político, e não se aproveitando dos órgãos do Estado burguês — visto que supõe esses órgãos exclusivamente destinados à defesa do existente — imorórios para

bem servir os esforços revolucionários — e, não se aproveitando dos órgãos do Estado burguês, busca nos seus próprios meios de

